

Jacques BRES, Sylvie MELLET, (orgs.), *Langue Française*, 163, *Dialogisme et marqueurs grammaticaux*, Paris, Larousse / Armand Colin, 2009. 176 pp. ISSN 0023-8368

Isabel Margarida Duarte
iduarte@letras.up.pt
FLUP / CLUP (Portugal)

O número 163 da revista trimestral *Langue Française*, publicado em Setembro de 2009, organizado por Jacques Bres, da Universidade de Montpellier III e por Sylvie Mellet, da Universidade Nice-Sophia Antipolis, é constituído por nove artigos que se debruçam sobre abordagens dialógicas de factos gramaticais. Os organizadores apresentam este número da publicação num texto interessante e problematizador em que defendem a pertinência da noção de dialogismo para a descrição gramatical. A ideia de que a orientação dialógica do discurso para outros discursos é central em matéria de linguagem e deixa marcas gramaticais na superfície do enunciado e na própria língua foi já desenvolvida por Joaquim Fonseca em 1989, num texto depois diversas vezes publicado e reformulado (“Heterogeneidade na língua e no discurso”), mas tem, no número 163 de *Langue Française*, um conjunto de exemplos concretos, que mostram como é possível e desejável problematizar alguns factos gramaticais a tendo em conta a noção de dialogismo. Partindo de uma distinção rápida entre dialogismo e polifonia, Jacques Bres e Sylvie Mellet afinam a discussão, considerando três formas de dialogismo: interdiscursivo, interlocutivo e intralocutivo. Vários factos tradicionalmente descritos como figuras de retórica foram recentemente reanalisados do ponto de vista do respectivo funcionamento dialógico: a metáfora, os “détournements”, a litotes, o eufemismo, a antítese, a prolepse, o oxímoro, a paradiástole, a hipálage e a antanaclase,

sobretudo. Por outro lado, as marcas gramaticais que a vocação dialógica da linguagem deixa na língua são subdivididas, pelos autores, em dois grupos: os *sinais*, formas gramaticais desviadas do seu significado habitual e da sua função primeira para colaborarem contextualmente na expressão de um fenómeno puramente discursivo (cf. p.6) e os *marcadores*, esses sim intrinsecamente portadores de um significado dialógico. Esta distinção é retomada no artigo de Jacques Bres (“Dialogisme et temps verbaux de l’indicatif”, pp. 21-39), que a partir dela estuda o comportamento dos tempos verbais do modo indicativo em francês, concluindo que só o condicional é um verdadeiro marcador de dialogismo, sendo o imperfeito e o futuro apenas dialógicos em certos contextos discursivos precisos e, portanto, meros “sinais”. A proposta dos organizadores da revista é que, partindo dos marcadores formais de um enunciado dialógico, sejam reconstruídas “les opérations énonciatives dont ceux-ci sont la trace et qui sont intrinsèquement porteuses d’altérité.” (p. 14). Este percurso seguido por Jacques Bres no seu texto é retomado por outros linguistas depois. Assim, Jean-Marc Sarale escolhe para objecto de análise a classe gramatical dos determinantes possessivos e vai verificar se o seu funcionamento dialógico está ligado à definição da classe na língua ou é um efeito de sentido decorrente de certos usos no discurso, concluindo que o determinante possessivo é um sinal e não um marcador, porque só em certas circunstâncias enunciativas e determinados contextos, “la relation à la personne qui lui est inhérente pointe un énonciateur enchâssé e_1 [...]. Il spécifie que l’énoncé enchâssé [e] n’est pas assumé par l’énonciateur principal E_1 ” (p. 58). (cf. “Potentialités dialogiques du déterminant possessif”, pp. 41-59). O texto de Geneviève Salvan (“Le dialogisme dans les relatives disjointes”, pp. 61-78), desloca a discussão para fenómenos sintácticos, uma vez que a autora analisa as potencialidades dialógicas das relativas: “Nous défendrons l’idée que les relatives disjointes ne sont pas seulement des variations positionnelles des relatives appositives et que la disjonction de la relative est un phénomène syntaxique et discursif qui peut recevoir une explication en termes de dialogisation, d’abord parce qu’elle met en jeu des opérations reconnues comme dialogiques: détachement, thématisation, ensuite parce que l’autonomie énonciative spécifique de ces relatives – [...] – exploite

le potentiel dialogique de leur extraposition.” p. 62). Uma destas operações reconhecidamente dialógicas, a deslocação, é objecto da atenção de Aleksandra Nowakowska (“Thématisation et dialogisme: le cas de la dislocation”, pp. 79-89). Dois outros fenómenos do âmbito da sintaxe são estudados do ponto de vista do dialogismo: Michèle Monte analisa o “se” enquanto marcador de alteridade enunciativa, nas orações a que chama “extrapredicativas, não condicionais” (“*Si* marqueur d’altérité énonciative dans les *si* P extrapredicatives non conditionnelles”, pp. 99-119). Com efeito, mostra como essas orações (se P, Q) exploram de forma exemplar efeitos de sentido dialógicos: o pôr em causa enunciados anteriores ou em circulação mencionados em P, “le mouvement vers l’allocutaire invité à valider P et l’aspect évident, naturel, de Q” (p. 118), decorrem do valor semântico do “se” e da relação que ele permite estabelecer entre P e Q. Por fim, o “certes” com valor concessivo é estudado no artigo de Sylvie Garnier e Frédérique Sitri, “*Certes*, un marqueur dialogique?” (p. 121-136). “*Certes*” permite conceder um argumento ao adversário, ter em conta uma objecção (cf. p. 135), porque transforma o enunciado em que se encontra na expressão de um ponto de vista, o ponto de vista de uma “certitude partagée (ou partageable) par l’allocutaire”, eventualmente oposto a outros pontos de vista, portanto, criador de um espaço de diálogo interlocutivo. Os dois últimos artigos da revista tratam de conjuntos de fenómenos dialógicos mais ou menos heterogêneos. O texto de Stéphane Bikialo debruça-se sobre aquilo a que Bakhtine chamou “motivação pseudo-objectiva”, espécie de variante híbrida de contaminação de um discurso por outros discursos nele mais ou menos discretamente escondidos, uma forma de heterogeneidade mostrada, para retomar a expressão de Jacqueline Authier (“*Est-ce bien sérieux? Dialogisme et modalisation pseudo-objective*”, pp. 137- 156). Substituindo a palavra “motivação” pela noção de “modalização”, a autora analisa marcadores de consequência e de causa, considerando a modalização pseudo-objectiva como “une configuration discursive, interprétative, signalée par la présence de ce qui est appelé couramment un “marqueur discursif” qui introduit un discours autre, une autre voix” (p. 153). A fechar a revista, o texto de Sylvie Mellet (“Dialogisme, parcours et altérité notionnelle: pour une intégration en langue du dialogisme?”, pp. 157- 173) faz em certa

medida a síntese de várias questões, examinando alguns marcadores gramaticais (ou gramaticalizados) habitualmente considerados como fortes contributos para a expressão do dialogismo (cf. p. 171). A autora analisa os marcadores *quand même* e *quand bien même*, a alteridade de algumas comparações (aliás já estudadas anteriormente por Jacques Bres) e de certas orações condicionais introduzidas por “si” e, muito rapidamente, a negação dialógica e o verbo *poder* que tem, segundo ela, um forte potencial dialógico.

Dada a qualidade da reflexão e da investigação de que o número em apreço da *Langue Française* dá conta, aconselha-se vivamente a sua leitura, e, porque este número da revista está já esgotado, recorda-se que é possível comprar os textos on-line.